

# A PARATOPIA PARA ALÉM DOS DISCURSOS CONSTITUINTES

Carlos Alberto BAPTISTA  
Victor Hugo da Silva VASCONCELLOS

## *Introdução*

A noção de paratopia, desde a publicação de *O Discurso literário* em 2004, instiga os analistas do discurso brasileiros. São inúmeras dissertações e teses que tomaram o conceito como base de estudo. Não por acaso, quase a totalidade desses estudos são desenvolvidos em torno do discurso literário, o que possibilitou uma série de reflexões e avanços acerca do conceito restritamente nesse campo. Entretanto, há um silêncio acerca do investimento da aplicação de paratopia em outros territórios discursivos, o que, de certo modo, estancou outras reflexões e aprofundamentos teóricos.

É na década de 1990 que Maingueneau formula a noção de paratopia. Aos poucos, o autor dá outras perspectivas ao conceito,

principalmente quando, cerca de uma década depois, relaciona a paratopia aos discursos constituintes, afirmando que a paratopia se estabelece como uma condição de todos os discursos constituintes. A afirmação de que todos os discursos constituintes estejam condicionados à paratopia levou a um raciocínio, talvez inequívoco, acerca do conceito, que colocamos como reflexão central deste capítulo: se todo discurso constituinte é paratópico, há discursos paratópicos que não sejam constituintes? Em outras palavras, será que o raciocínio lógico de que toda galinha é uma ave não amedrontou os pesquisadores a questionarem que nem toda ave é uma galinha?

Maingueneau (2004/2006)<sup>47</sup> atrela a noção de paratopia à de discursos constituintes, ao argumentar que a primeira é uma condição destes. Desse modo, os discursos constituintes, o literário, o filosófico, o religioso e o científico, estabelecer-se-iam por um processo paratópico. Essa premissa possibilita opor, na topografia discursiva, discursos tópicos a discursos paratópicos, incluindo entre os paratópicos apenas os discursos constituintes. Entretanto, há discursos cujo processo enunciativo em muito se assemelham ou se igualam à enunciação paratópica, mesmo não se enquadrando entre os discursos constituintes. Essa hipótese põe em xeque essa divisão topográfica dos discursos.

O fato que nos leva a tal questionamento é suscitado por uma observação simples. Há discursos que circulam na sociedade que, mesmo não sendo elencados entre os discursos constituintes, possuem um modo singular de legitimação e de emergência no interdiscurso. Os discursos tomados por nós como discurso astrológico podem ser identificados como um desses discursos cuja enunciabilidade é peculiar: são produzidos por enunciadores específicos,

<sup>47</sup> Em alguns casos, optamos em colocar a data de publicação original seguida da data da edição consultada, para facilitar a compreensão do percurso teórico dos autores.

mas enunciam sobre a totalidade dos sujeitos da sociedade, além disso, legitimam-se por uma fonte enunciativa que alegam vir de fora da própria sociedade.

Com base nessa reflexão, o objetivo deste capítulo é analisar a enunciação do discurso astrológico, aproximando-a ao conceito de paratopia; refletir acerca do desdobramento do conceito de paratopia e suas ressignificações na obra de Maingueneau e discutir a topografia discursiva que opõe discursos tópicos a paratópicos.

Para essa feita, primeiramente, retomamos a origem da noção de paratopia na obra de Maingueneau, ainda atrelada unicamente ao discurso literário, e buscamos identificar os desdobramentos e ressignificações que o conceito sofre ao longo da produção teórica do autor. Em seguida, elucidamos os significados que a paratopia adquire ao se aproximar do conceito de discursos constituintes. Finalmente, trazemos à baila o discurso astrológico com o intuito de refletirmos sobre a enunciação paratópica e sobre a topografia discursiva.

A metodologia da pesquisa consiste na análise do discurso astrológico com base no conceito de paratopia e apresentar qualitativamente essa aplicação conceitual. Embasamo-nos na Análise do Discurso de linha francesa, em especial, nos estudos de Maingueneau e Cossutta (1995) e Maingueneau (1995, 2000, 2006, 2008, 2010a, 2015).

### *A paratopia: gênese e expansão do conceito*

Discutir o conceito de paratopia é sempre adentrar a um terreno pantanoso devido à complexidade e à vaguidão que o conceito suscita. É preciso, primeiramente, situar sua origem e o modo

como foi ampliado, desde a obra de 1993, *Le contexte de l'œuvre littéraire*, a primeira aparição do conceito, e o modo como foi imbricado ao projeto de análise do discurso desenvolvido por Maingueneau nessas três décadas subsequentes. Ao fazer esse trajeto, notamos que a noção de paratopia é utilizada, pelo autor, para solucionar problemas teóricos diferentes ao longo de sua produção acadêmica. Por esse motivo, qualquer tentativa de leitura restrita do conceito já demonstra que o pesquisador se atolou nesse terreno pantanoso.

A paratopia é tomada, na atualidade, como uma condição dos discursos constituintes. Entretanto, é um conceito formulado antes da noção de discursos constituintes. Maingueneau (1993) forja o conceito de paratopia visando a resolver um problema específico na Análise do Discurso proposta por ele, entre as décadas de 1980 e 1990: tomar o texto literário como discurso. Trata-se de um momento em que os estudos linguísticos pós-estruturalistas, em destaque a Pragmática, permeavam os estudos da Literatura.

A obra, *Le contexte de la obre literaire*, na qual o conceito de paratopia assume um papel protagonista, deve ser compreendida como fruto de um trajeto teórico amadurecido ao longo da década de 1980, em que o autor interroga a instituição literária a partir de elementos das teorias linguísticas emergentes (MAINGUENEAU, 1986/1996a, 1990/1996b). Esse amadurecimento teórico de longo prazo culmina no arcabouço teórico-metodológico que permitiu tomar a literatura como discurso. Nesse sentido, *O discurso literário* (2004/2006) pode ser compreendido com obra síntese desse projeto iniciado cerca de vinte anos antes. Essas informações são pertinentes para compreendermos o contexto teórico no qual é constituído o conceito de paratopia.

Em síntese, a noção de paratopia emerge como proposta para conceber a literatura não simplesmente como texto, mas como um processo que desestabiliza a distinção entre texto e contexto. Enfatizamos, desse modo, que a noção, em sua origem, está totalmente imbricada com uma outra: a noção de contexto. *Grosso modo*, o conceito possibilita explicar o modo como a obra literária é fruto do posicionamento do escritor no campo literário, o que quer dizer que a enunciação reflete suas condições externas de produção, mas também gere essas próprias condições. Nessa perspectiva, ao trazer o problema da enunciação para o cerne da obra literária, Maingueneau (1993) defende que não existe um dentro e um fora da obra, já que interioridade e exterioridade estão totalmente imbricadas.

Certamente, é em Bourdieu (1992/1993) que Maingueneau enxerga a saída para resolver o problema da exterioridade e interioridade da obra literária, ou seja, a relação entre texto e contexto. Um ano antes do conceito de paratopia vir a público, Bourdieu (1992) mapeia a atividade artística e argumenta que a literatura assume a forma de um campo autônomo com regras específicas. Nesse sentido, o escritor não se relaciona diretamente com a sociedade, mas primeiro assume uma condição de escritor no campo literário, ou seja, é um agente posicionado no campo e subordinado ao funcionamento desse campo, por isso, assume um habitus determinado pelo campo.

A análise que Bourdieu faz da obra de Flaubert confronta-se com o preceito mais comum no estudo da literatura, em que se tenta aproximar obra e biografia, como uma forma de explicar o texto pela vida do autor. Assumir que o escritor se posiciona num campo literário, que tem regras próprias, é mostrar que a criação literária, antes de ser o reflexo da vida do escritor e do contexto em que ele viveu, é a assunção de um posicionamento no campo literário,

que influencia seus gestos, sua obra e, até, sua própria biografia; ou, para sermos mais fiéis à terminologia bourdiana, diríamos que o escritor incorpora um *habitus* próprio do campo literário que, conseqüentemente, possibilita que sua obra seja legitimada pelo campo.

Entretanto, Maingueneau questiona o próprio alcance do projeto de análise de Bourdieu, ao considerar que a teoria dos campos se inscreve em uma perspectiva sociológica e não em uma atividade discursiva que leve em conta aspectos textuais, enunciativos e contextuais. Assim, argumenta que, “se por vezes Bourdieu revela interesse pelo conteúdo da ficção literária, nunca se vai além da concepção espontânea da obra como reflexo de uma realidade social já dada” (Maingueneau, 2006, p. 48). É nesse sentido que a paratopia é concebida como um aspecto nem social nem textual, mas puramente enunciativo, na imbricação entre as condições da obra e sua produção.

Podemos inferir, nessa discussão, que a paratopia surge como um método de se analisar as condições de produção do discurso literário, isto é, um modo de se olhar a emergência da produção artística intrinsecamente relacionada com a estrutura do campo artístico. Mas a paratopia também pode ser considerada como um aspecto muito específico do processo criador, que busca legitimar sua produção diante das demais produções, anteriores ou contemporâneas a ela. Trata-se do aspecto que se resume à tentativa de exclusão do plano social pela afirmação de um pertencimento a um lugar-não-lugar. Essa afirmação de um lugar parasitário, por conseguinte, deve ser notada como estratégia de legitimação da obra; estratégia, entretanto, que pode ser posterior à própria produção da obra, quando é afirmada por editores e críticos, que ratificam a singularidade do artista e da obra por um não pertencimento ao seu tempo.

É instigante prosseguir nessa gênese do conceito, mas o espaço e nosso objetivo, aqui, não nos permite. Assim, passemos para o modo como a paratopia toma outros rumos na obra de Maingueneau. Fora da problemática do campo literário, a paratopia aparece novamente em Maingueneau (1995), onde é apontada também como uma condição do discurso filosófico. Segundo Maingueneau, o filósofo, assim como o escritor, situa-se em uma zona fronteira, num pertencimento problemático à sociedade. Contudo, é em Maingueneau (2006) que o autor amplia a noção de paratopia, ao considerá-la como uma condição dos discursos constituintes. Segundo o autor,

*Aquele que enuncia no âmbito de um discurso constituinte não pode situar-se nem no exterior nem no interior da sociedade: está fadado a dotar sua obra do caráter radicalmente problemático de seu próprio pertencimento a essa sociedade (MAINGUENEAU, 2006, p. 68).*

Por esse prisma, a enunciação dos discursos constituintes está condicionada à paratopia. Esse deslocamento teórico do conceito intensifica suas significações. Assim, é contraditório tentar medi-lo, conforme concebido a partir dessa obra, com a régua estreita que tinha na década de 1990. Embora para o discurso literário, os efeitos sejam quase os mesmos, quando se leva em conta o quadro dos discursos constituintes, a paratopia assume sentidos muito amplos, que tentaremos explicitar.

Maingueneau (2000, 2006, 2008, 2010a, 2015) agrupa os discursos religioso, filosófico, científico e literário, como um tipo singular de discurso, conforme suas condições de produção, circulação e funcionamento. São os discursos que dão sentido aos atos

da sociedade, por legitimá-los, porque são a sede de autoridade e legitimidade. Duas características são basilares para explicar os discursos constituintes: eles são hetero e autoconstituintes. A **heteroconstituição** consiste em legitimar os discursos tópicos, isto é, aqueles institucionalizados e gerados no seio da própria sociedade. A **autoconstituição** consiste em fundar a si mesmos, e é isso que os permite ocupar um lugar limite no interdiscurso. Em suma, são a fonte primeira de autoridade e somente atravessam outros como fonte legitimadora, mas não são atravessados por outros discursos. A relação entre autoconstituição e heteroconstituição é assim destacada por Maingueneau:

*eles são ao mesmo tempo auto e heteroconstituintes, duas faces que se supõe reciprocamente: só um discurso que se **constitui** tematizando sua própria constituição pode desempenhar um papel **constituente** para outros discursos (MAINGUENEAU, 2008, p. 39, grifo nosso).*

Todavia, tendo em vista que outros discursos também podem ser heteroconstituintes, ou seja, outros discursos como o jornalístico, o político, o jurídico, também podem sustentar práticas sociais e discursivas, destacamos a autoconstituição como característica distintiva dos discursos constituintes, e é a ela que se associa o conceito de paratopia. Em outras palavras, é na sua autolegitimação, na sua forma de emergir de um espaço limite, que os discursos constituintes se condicionam a um processo enunciativo paratópico.

A autoconstituição dos discursos constituintes refere-se ao modo como tais discursos emergem “como se surgissem do nada”, ou seja, sem se sustentar em outro discurso. Trata-se, de um processo enunciativo que permite ao discurso encenar sua própria



constituição como se ela viesse de uma fonte transcendente e não de um lugar da sociedade. E é esse aspecto de emergir do “além de qualquer lugar” que dá a autoridade aos discursos constituintes.

*Se há “constituição”, é justo na medida em que a cena de enunciação que o texto traz legítima de uma maneira, em certo sentido, performativa o direito à fala que ele pretende receber de alguma fonte (a Musa, Deus...) (MAINGUENEAU, 2006, p. 70).*

A cena de enunciação dos discursos constituintes valida “o direito à fala” de um enunciador específico, cuja enunciação advém de outro lugar, que não é dele mesmo, mas de uma fonte enunciativa transcendente:

*a questão da autoridade da fala vai, com efeito, bem além da literatura, que não é o único tipo de discurso que se funda no estatuto, por assim dizer, “xamânico” de uma fonte enunciativa que participa ao mesmo tempo do mundo comum e de forças que excedem o mundo dos homens” (MAINGUENEAU, 2006, p. 60).*

Nesse sentido, a fala que advém de um Outro é o mesmo “estatuto xamânico” referido neste texto. A ideia de “estatuto xamânico” sinaliza para um tipo de enunciação cujo enunciador é o porta-voz de um Outro, transcendente, que “excede o mundo dos homens”, e não enuncia de outro modo a não ser a partir desse enunciador que medeia os mundos tópico e paratópico. E é justamente esse “estatuto xamânico de uma fonte enunciativa” que funda o discurso, ou seja, que o constitui. Assim, a enunciação dos discursos

constituintes aponta para um enunciador que é a ponte entre o mundo dos homens e o mundo inacessível a estes. Por isso, *sine qua non*, sua fala é fundadora e legitimadora dos atos da sociedade.

Esse raciocínio facilmente nos leva a pensar no discurso religioso, por ser o discurso que, na nossa cultura, permite-nos, de forma mais evidente, remeter a um jogo enunciativo no qual o enunciador representa uma força que transcende o próprio discurso. Somente é possível refletir acerca do discurso religioso<sup>48</sup> ao levar em conta um hiperenunciador. O enunciador enuncia como um representante de uma voz divina, e é ela que garante a legitimidade de seu discurso. Portanto, o enunciador é sempre um mediador entre os dois planos, o divino e o terreno; o espiritual e o material.

O enunciado do discurso religioso não pode ser tomado como um discurso do mundo, e não o aceitar como advindo de um “não lugar” é negar a própria legitimidade da religião. Isso ratifica que a legitimidade e autoridade dos discursos constituintes se devem, em parte, a esse estatuto do enunciador, mas tal estatuto é simultaneamente legitimado pela cena de enunciação que o próprio discurso formula.

*Esses discursos constituintes devem estar ancorados em algum Absoluto: pelo fato de se autorizarem apenas por si mesmos, eles devem se apresentar como ligados a uma fonte legitimante. Mas, paradoxalmente, esse Absoluto que se supõe como exterior ao discurso para lhe conferir sua autoridade deve, de fato, ser construído por esse*

---

<sup>48</sup> Nascimento (2020) distingue o discurso religioso do discurso teológico, ao defender que apenas o discurso teológico é constituinte. Optamos em não fazer a distinção aqui, embora a consideremos relevante quando se estuda o discurso religioso.

*mesmo discurso para poder fundá-lo (MAINGUENE-AU, 2010a, p. 159).*

Quando consideramos um discurso como o científico, no entanto, a condição paratópica não é tão evidente assim. Mas é certo que o enunciador do discurso científico, similar ao religioso, não assume o discurso como seu, mas fala de um lugar intermediário em que seu enunciado é sempre o enunciado de um Outro. Isto é, enunciar na ciência é negar a subjetividade enunciativa para que a verdade objetiva dos dados, das análises, das experimentações, possa enunciar. Assim, ao se dizer “eu” no discurso científico, põe-se em risco toda a legitimidade de seu próprio discurso; para se dizer “eu”, é preciso, *a priori*, que a autoralidade e, concomitante a essa, o nome de autor, tenha tornado esse “eu” um “nós”, que representa o hiperenunciador do conhecimento, da verdade universal científica.

Podemos acrescentar ainda que enunciar na ciência é lançar mão do Método, que aniquila a subjetividade e faz com que toda afirmação se torne o dizer de um Outro, o da ciência. Desse modo, não é mais a enunciação da doxa, do senso comum e dos homens comuns, mas a enunciação da verdade científica, da episteme, dos fatos e dos fenômenos que falam por si.

Ao considerarmos o discurso constituinte filosófico, os aspectos paratópicos nos parece ainda mais difíceis de serem identificados. Isso porque tal discurso, historicamente milenar, está fadado a uma série de transformações no seu próprio funcionamento enunciativo. É muito diferente refletir acerca da filosofia clássica e da filosofia contemporânea, por exemplo. Em cada época, o discurso filosófico se origina de um conflito interdiscursivo com outros discursos constituintes e a própria filosofia se ressignifica; o que faz com que a busca pela verdade ou pela constituição do conhe-

cimento assumam respostas diferentes, seja pela dialética aristotélica ou pelo racionalismo cartesiano. Rolim (2006) aponta a razão como o fundamento da Filosofia:

*os discursos filosófico e científico, resguardadas suas especificidades (de método, de objetos, de características), fundamentam-se na razão e buscam a verdade – verdade que se pretende, portanto, racional, coerente, lógica e, principalmente, vinculada à epistême grega (ROLIM, 2006, p. 49).*

Hannah Arendt, na filosofia contemporânea, explicita o lugar paratópico do filósofo. A própria filósofa atesta um lugar distante do mundo comum, a solidão, como estado necessário para a produção filosófica. É no isolamento que o filósofo, por intermédio da razão, poder acessar uma verdade transcendente:

*o ponto de vista exterior ao político – isto é, à comunidade à qual pertencemos e ao convívio de nossos semelhantes – caracteriza-se nitidamente como um dos vários modos de existência solitária. Entre os modos existenciais de dizer a verdade sobrelevam-se a solidão do filósofo, o isolamento do cientista e do artista, a imparcialidade do historiador e a do juiz e a independência do descobridor de fatos, da testemunha e do relator (ARENDDT, 2011, p. 320, grifos nossos).*

*Grosso modo*, o senso comum é o discurso tópico que a filosofia, a ciência, a religião, a arte visam a superar, ao acessar uma verdade elevada, seja ela espiritual, científica, racional ou estética.

Uma verdade a cujo acesso exige rituais e uma evidente desterritorialização. Assim, somente há uma verdadeira arte, quando o artista cria de uma zona fronteira à sociedade, somente há verdadeira filosofia, quando o filósofo renuncia os deveres políticos em nome de uma verdade pura e racional, somente há uma verdadeira ciência quando o cientista se apaga em nome de uma verdade metódica, afastado dos compromissos ideológicos.

### *A astrologia no universo ritualístico*

Nas sociedades ditas primitivas, nas mais antigas práticas xamânicas, houve sempre a necessidade de rituais e cerimônias que contribuíssem para a constituição de um ambiente adequado ao êxtase, no qual se dá o contato com o místico ou com o sagrado. As práticas discursivas modernas ainda preservam suas raízes ritualísticas para que o Outro enuncie e transcenda o lugar comum dos homens. A paratopia parece-nos como a condição de qualquer discurso que vise a enunciar uma verdade absoluta, ou que essa verdade seja de difícil compreensão, por conta de seu impossível lugar.

Em meio a essa discussão acerca de discursos que enunciam a partir de um limite, podemos questionar e fazer ranger o próprio conceito de paratopia ao nos interrogarmos acerca de outros discursos fora daqueles elencados entre os constituintes, que também possuem um processo enunciativo, ao menos, similar aos discursos paratópicos. É nesse sentido que caminhamos a análise, para tratar de um tipo peculiar de discurso, aquele que podemos chamar de astrológico. Isto é, os enunciados de circulação comum na sociedade contemporânea, que circulam difusos em gêneros de discurso como jornais e perfis em redes sociais, mas que tam-

bém constituem uma rede de gêneros de discurso própria, como o mapa astral e o horóscopo.

São enunciados produzidos por enunciadores específicos, os astrólogos, e que visam a explicar aspectos da personalidade de um indivíduo por meio da interpretação da localização dos astros referentes à data e hora de seu nascimento. Embora seja um tipo de discurso banal, poucos analistas de discurso dedicaram-se a pensar na organização enunciativo-discursiva de tais discursos. Trata-se de um discurso que visa a enunciar uma verdade universal por meio de um método específico.

A gênese da astrologia coincide com a astronomia, pois elas eram uma ciência só, que com o passar do tempo foram distanciando-se. A astronomia começou a estudar os corpos celestes (dimensão, constituição, órbita etc.), enquanto a astrologia passou a ler e interpretar o céu, a fim de traçar o destino dos humanos com base nessa leitura. Para Avelar e Ribeiro (2003, p. 23):

*[...] se tomarmos a palavra divinatório pelo sentido etimológico (divinatório: o que está ligado ao Divino) podemos dizer que [...] na sua vertente mais elevada, a Astrologia permite-nos interpretar a Vontade do Divino, manifestada através do movimento dos planetas. Esta Vontade pode ser revelada através de um mapa de nascimento ou através do estudo de um momento específico.*

Dessa feita, o caráter divino da astrologia a aproxima do âmbito da crença, da espiritualidade, da pseudociência. Pertencente ao imaginário religioso, não é considerada uma religião embora tenha uma enunciação do lugar impossível, mas sim uma tendência esotérica.

*As categorias “físicas” fundamentais da astrologia são as da tradição grega (água, ar, fogo, terra), mas desempenham um papel organizador do mundo em tudo análogo ao que se encontra na tradição mágica, hermética e alquímica. De resto a astrologia tem em comum com tais filões culturais a maior parte dos seus símbolos, mesmo do ponto de vista gráfico, a caracterização de alguns agentes fundamentais (os planetas) e das suas funções, uma rede de relações analógicas que vão de um planeta a um signo, a uma cor, a uma profissão, a um metal, até invadir e organizar todo o mundo conhecido (VOLLI, 1990, p. 30).*

A astrologia associa três signos em cada um dos quatro elementos, totalizando os 12 signos do zodíaco. Água: câncer, escorpião e peixes; Ar: gêmeos, libra e aquário; Fogo: áries, leão e sagitário; Terra: touro, virgem e capricórnio. Esses elementos associam-se ao signo zodiacal na data de nascimento de cada um de nós. Guerreiro (2016, p. 217) afirma que: “Inseridas no conjunto do ocultismo, são percebidas como instrumentos capazes de fazer desvelar tudo aquilo que está oculto, permitindo ao sujeito que consulta encontrar sua verdadeira natureza e destino”.

Com efeito, suas práticas possibilitam revelar o que está oculto por meio da leitura do céu no momento do nascimento, em que a posição dos astros apresenta mais do que informações simples como o signo e seus planetas adjacentes; mas traços da personalidade e possíveis sugestões de caminho para o futuro. Pois o signo principal é representado pelo Sol (por isso, signo solar); contudo, há outros elementos que interferem nessa leitura como ascendente (como a pessoa se apresenta socialmente), Vênus (a forma de amar), lua (como os nativos lidam com as emoções) etc.

Embora apresente mapas, cálculos, métodos de análise e leitura do céu (o que seria o registro do nascimento de cada um), a astrologia não é aceita como ciência pelo discurso científico tradicional, que possui a hegemonia e a autoridade para determinar o que pertence ao cânone. Em contrapartida, outros defendem que o método utilizado seria suficiente para justificar sua caracterização como ciência.

Enfatizamos que, em nenhuma hipótese, pretendemos discutir sobre a autenticidade ou cientificidade do discurso astrológico, pois nossos interesses voltam-se para os aspectos enunciativos desse discurso. Entretanto, essa polêmica constitui as discussões que transitam entre os domínios científicos e esotéricos. Por ser polêmico, esse discurso, por si só, engendra justificável reflexão acerca de seu recorte no universo discursivo. Dessa feita, o discurso astrológico apresenta-se como dúbio por conta de seus dispositivos enunciativos e *topos*.

Para Vilhena (1990, p. 15),

*a Astrologia pode ser definida como a arte divinatória que postula a existência de uma relação entre os movimentos celestes e tudo aquilo que ocorre na Terra, possuindo um sistema de classificações que lhe permite atribuir determinados significados a cada um desses movimentos, além de um conjunto de técnicas que estabelecem os procedimentos adequados para interpretá-los.*

Portanto, há a comunicação do cosmos com os habitantes da Terra, que só pode ser decifrada por meio de procedimentos adequados e por pessoas que tenham a competência para tal. Desse modo, há um método para isso, ao mesmo tempo, que há um caráter místico nessa consumição com os astros.



A fim de tornar a teoria explícita no discurso da astrologia, foi selecionado um conjunto de discursos astrológicos. Selecionamos o site da – ABA – Associação Brasileira de Astrologia; e um conjunto de horóscopos personalizados do site Personare, famoso site de astrologia.

Começando pela ABA, no menu “Sobre a ABA”, clicando no link “Finalidades<sup>49</sup>”, são apresentadas as ações da organização. Trata-se de um discurso específico interno à comunidade, ou seja, dos astrólogos aos astrólogos. Assim como uma seita, associação ou partido, esses grupos estabelecem para si, normas de conduta, com leis que devem ser aceitas por aqueles que se tornam membros da comunidade. Selecionamos alguns recortes desse discurso que explicitam o posicionamento desse enunciador coletivo, representante da comunidade astrológica, que ratifica o caráter científico, ou de uma ciência específica, dos membros e da discursividade astrológica:

*a) reconhecer, cultivar e divulgar a Ciência Astrológica e ou Cosmo-Analítica:*

*I - como uma verdadeira ciência, ou seja, um conjunto organizado de conhecimentos relativos a um objeto perfeitamente definido, conhecimentos estes comprováveis e verificáveis por vários sistemas, inclusive por comparação estatística, obtidos mediante a observação e a experiência dos fatos, e possuindo metodologia própria;*

*II - como uma ciência em si e por si, que não se confunde com nenhum outro ramo do conhecimento científico ou filosófico. Seja em seu objeto de estudo, seja em seu método de investigação e análise;*

---

49 Disponível em: <http://www.astrologia.org.br/Sobre-a-ABA/Finalidades>.

(...)

*VIII - como sendo a ciência que, mediante um método próprio, racional e matemático, estabelece o “céu de nascimento” ou seja, calcula com exatidão matemática e astronômica a posição dos astros, da Terra e do horizonte local para um dado instante e lugar que constituem o início, origem ou nascimento de uma vida ou ocorrência de qualquer natureza;*

(...)

*X - como uma ciência que tem origem nas mais remotas civilizações, (no mínimo seis mil anos) e que foi cultivada por praticamente todos os gênios do pensamento, como a história o comprova;*

No item (a), percebe-se a função do Eu jurídico da ABA, que é validar-se perante a sociedade leiga e científica. Estabelece, com efeito, os parâmetros legais e discursivos para aproximar-se do discurso científico, lançando mão da forma de se apresentar, por meio dos interdiscursos científicos, a fim de configurar-se como tal.

Os incisos I, II, VIII e X apresentam o que é a ciência astrológica, demonstrando que possui método próprio; portanto, se há método, há ciência. Sua enunciação baseia-se na memória discursiva do campo científico (e por que não, no *archeion*). Isso ocorre quando cita os preâmbulos da astrologia, quando era ligada à astronomia, e quando cita que gênios da humanidade foram ligados à ciência dos astros.

O que notamos é que a astrologia procura valer-se do rigor do campo da ciência para encaixar-se neste, a fim de ganhar valida-

ção. Embora sua origem tenha relação com as predições, como os oráculos, muito comuns a seitas e a misticismos, a astrologia procura vincular-se à ciência; afastando-se desses discursos sem uma lógica científica, além de buscar a hegemonia do campo da ciência para legitimar-se.

Dessa forma, apresenta-se como um simulacro do discurso científico, disfarçando seu método para aproximar-se da ciência convencional e de seu discurso; propiciando ligeira validação perante a sociedade. Logo, o discurso astrológico almeja distanciar-se do místico para validar-se no campo da ciência, por meio da mimese dos elementos da enunciação, costurando seus interdiscursos, que buscam elementos científicos, com a finalidade de construir sua validação. A paratopia emerge nesse simulacro em que o discurso sai do individual e passa a se constituir como um discurso do “nós”, pois a ciência está ancorada na sobreposição de vozes que constrói o discurso das provas e avanços coletivos. O simulacro acaba por favorecer uma cenografia científica ao discurso astrológico, corroborando o seu objetivo de enquadrar-se nesse campo.

Por sua vez, os horóscopos personalizados da *Personare* apontam as transições astrológicas sobre o signo. Constam as informações de como tais transições influenciam a vida amorosa, financeira, interpessoal, profissional do internauta inscrito na página.

No horóscopo, o enunciador astrólogo dirige-se diretamente a um grupo de indivíduos referente àquela correlação astrológica. Cada localização precisa dos astros são interpretadas pelo enunciador com um aspecto emocional/identitário do co-enunciador. O dizer do astrólogo é sempre a enunciação de um representante da comunidade astrológica dirigida a um dos doze grupos nos quais se enquadram todos os seres humanos. Assim, trata-se de

um discurso que parte de uma comunidade específica e se dirige a toda humanidade. Nesse sentido, pode ser aproximado aos discursos do campo científico, os quais também são produzidos por uma comunidade específica e referem-se ao mundo, ao enunciar uma verdade universal.

Entretanto, com o surgimento das páginas na Web sobre astrologia, a enunciação do horóscopo sofre algumas alterações. Conforme o internauta faz o cadastro no site, acessa seu horóscopo na página de forma personalizada, isto é, o enunciador dirige-se diretamente a ele, interpelando-o pelo nome próprio como co-enunciador do discurso. Com isso, embora o enunciado seja dirigido a todos aqueles que pertencem ao mesmo signo, cria-se, no discurso, o efeito de sentido de intimidade e especificidade.

O que se revela no discurso é muito mais sobre o co-enunciador do que sobre o enunciador. O discurso é dirigido a ele e fala para e sobre ele. O enunciador, em contrapartida, manifesta-se de modo opaco, dando maior visibilidade aos dados astronômicos e astrológicos que apresenta e, sequencialmente, nos dados interpretativos que apresenta pela relação estabelecida entre movimentação dos astros e aspectos psicossociais do co-enunciador.

De modo geral, a estrutura do gênero de discurso horóscopo é estável. Em primeiro lugar, o enunciador apresenta a movimentação dos astros em relação às casas zodiacais referente ao signo, depois, inicia-se a interpretação. Da análise dos dados e do conhecimento astrológicos, o enunciador tem a habilidade de interpretar e aconselhar, ao perceber como que as movimentações planetárias atuam na vida do co-enunciador.

## Recorte 1

*Sol e Lua se quadram entre si, entrando no estado chamado “quarto crescente”, e transitam por casas muito diferentes entre os dias 26/06 (Hoje) e 28/06: o Sol na Casa 2 pede atenção e valorização no tocante ao dinheiro, e a Lua na Casa 5 sugere um desejo emocional de cair na esbórnica. O conflito aqui é: poupar ou satisfazer o emocional? Usar o dinheiro para o essencial, ou dar alegria à criança interior, que quer se divertir? Apenas você poderá encontrar uma solução para este conflito, Fulano, mas tenha em mente que é possível alcançar uma resolução “equilibrada”, nem muito ao Sol, nem muito à Lua. Vale apenas ter auto-observação.*

## Recorte 2

*A Lua continua caminhando para seu estado crescente, entre 24/06 e 26/06 (Hoje), mas agora ativa a Casa 4 do seu mapa astral, em contraposição ao Sol na Casa 2. Sol e Lua estão em harmonia, e este é um excelente período para você cuidar do lar, das questões domésticas, e fazer uma reavaliação de seus gastos, suas prioridades e do que você precisa para ter uma vida mais confortável.*

### Recorte 3

*Entre os dias 22/06 e 26/07, o planeta Mercúrio estará formando um aspecto tenso à Lua do seu mapa astrológico, Fulano. Neste período, procure tomar um cuidado redobrado com fofocas, mexericos e especulações desnecessárias.*

### Recorte 4

*Entre os dias 21/06 e 10/07, o planeta Marte estará formando um ângulo harmonioso em relação ao planeta Vênus do seu mapa astral, Fulano. Este tende a ser um período particularmente positivo para o sexo, o prazer, uma fase em que você provavelmente sentirá que está irradiando um magnetismo pessoal maior, e de fato estará... Só que um trânsito como este, no momento em que estamos vivendo uma crise sanitária sem precedentes, só deve ser aproveitado se você estiver não apenas em uma relação monogâmica, mas vivendo com a pessoa. Caso você não tenha um amor neste momento, convém se exibir mais, fazer-se ver, mas lembre-se: até a crise do coronavírus passar, tudo terá de ser online.*

Notamos nos recortes que, na parte inicial do discurso do horóscopo, o enunciador aponta o posicionamento dos astros que se encontram em um novo trânsito. O trânsito astronômico é um fenômeno físico estudado pela ciência da astronomia, que consis-

te no momento que um corpo celeste, um planeta ou outro astro, cruza à frente de outro, permitindo sua observação da Terra<sup>50</sup>. A expressão “quarto crescente” também remete ao discurso da ciência astronômica para se referir ao posicionamento da Lua em relação à Terra e ao Sol. Esses itens lexicais dão ao discurso os efeitos de objetividade, visto que remetem a fenômenos físicos, ou seja, à movimentação dos corpos celestes.

As datas que apontam com exatidão o momento do trânsito também contribuem para que a enunciação adquira efeitos de precisão e objetividade, de modo a aproximar esse discurso da enunciação científica. O enunciado, “o planeta Marte estará formando um ângulo harmonioso em relação ao planeta Vênus”, corrobora também para esse efeito de cientificidade pelo item lexical “ângulo”, referindo-se ao posicionamento entre os planetas. O termo é pertinente ao campo matemático e comum nas ciências astronômicas. Não obstante, o item lexical “harmonioso” rompe o aspecto de objetividade e prepara o discurso para o segundo momento do horóscopo que é a interpretação, da qual trataremos mais adiante.

Essa parte introdutória do horóscopo atribui uma característica ao *ethos* do enunciador astrólogo que é fundamental para a legitimação de seu discurso, pois confirma não ser um fato que o enunciador assume como seu dizer, mas um fenômeno que pode ser comprovado e observado, pois a ciência astronômica faz desse fenômeno um conhecimento científico. É possível aproximarmos o ato enunciativo de dizer, sem assumir o conteúdo do enunciado, com o discurso científico, no qual os enunciadores legítimos devem ser translúcidos para transparecer uma verdade que está além do próprio enunciador. Assim como no discurso científico, o

50 Dicionário astronômico, INAPE. <http://www.inape.org.br/wp-content/uploads/2010/06/Dicion%C3%A1rio-Astron%C3%B4mico-Atualizado.pdf>.

enunciador “esconde-se” para que os fenômenos, a movimentação dos astros, transpareça.

Tendo em vista que partimos do princípio de que a paratopia é um estatuto enunciativo e, portanto, não nos interessa, aqui, se a astrologia é uma ciência ou não, pelos aspectos enunciativos apontados até esta etapa da análise, poderíamos afirmar que o discurso astrológico goza de uma cena enunciativa muito próxima à do discurso científico. Além de se afirmar como ciência, também se mostra, pelo modo como agencia os elementos da enunciação, como uma típica cenografia científica.

Com base nisso, é possível questionar que, se o discurso científico é tomado como paratópico, a paratopia também pode ser estendida ao discurso astrológico, mesmo que esse discurso não figure entre os constituintes. Outra possibilidade seria colocá-lo em um terceiro grupo, visto que a própria condição paratópica que o discurso astrológico exige para si é desarmada pelo discurso científico, que a nega. Assim, teríamos, nas organizações discursivas das sociedades contemporâneas, um discurso que poderia ser intitulado de pseudoparatópico<sup>51</sup>. Nesse grupo, figurariam discursos como o da terapia e, até mesmo, o da psicanálise, que, embora ocupe um espaço mais estabilizado, ainda carece de aceitação no campo científico.

---

51 Valério (2015, p. 6) utiliza essa nomenclatura pela primeira vez, ao considerar a hipótese de que “poderia ser uma nova categoria de discurso que complementaria a condição paradoxal que existe dentro dos discursos constituintes” e, portanto, “nem sempre haveria o discurso constituinte baseado na paratopia e sim o simulacro desta”. Entretanto, a autora não aprofunda o conceito, visto que seu objetivo é o desenvolvimento do conceito de pseudotopia. É curioso que o termo nos surgiu durante a escritura da tese em andamento, somente depois verificamos que a autora já havia produzido este mesmo raciocínio, o que corroborou nossa hipótese.



Todavia, não é somente à cenografia científica que o discurso astrológico se sustenta. Após a descrição astronômica, o enunciador inicia a interpretação astrológica. Esse segundo movimento enunciativo é marcado por uma guinada da enunciação delocutiva, ou seja, aquela marcada pela objetividade, cujo foco são os objetos do discurso, que no caso do horóscopo é a movimentação dos corpos celestes, para a enunciação alocutiva (CHARAUDEAU, 2016), em que o enunciador interpela o co-enunciador, dirigindo a ele a enunciação.

Nesse ponto, o enunciador investe no *ethos* de conselheiro, que remete o discurso a um mundo ético habitado, por exemplo, por terapeutas, psicológicos ou místicos. O conselho está ligado a uma posição de sabedoria: quem aconselha é o pai ou o mais velho, porque possuem a experiência vivida, ou ainda o mestre ou o chefe espiritual, porque possuem sabedoria de vivência do mundo terreno e espiritual.

Essa cenografia pode ser aproximada também à memória discursiva do oráculo, elemento que perdura na história humana há milênios. As civilizações antigas consultavam oráculos, que eram o intermediário entre o terreno e o mundo das previsões, para diversas finalidades; dessa forma, seu caminho era revelado.

Os oráculos gregos eram uma peça fundamental de sua cultura. As perguntas pessoais eram respondidas dentro de um ritual específico, por pessoas que tinham o dom de serem intermediários entre os homens e os deuses. O Oráculo de Delfos foi o mais importante centro religioso da Grécia antiga. Entre os séculos 8 a.C. e 2 a.C., foi muito procurado por pessoas que recebiam previsões sobre o futuro, conselhos e orientações. Recebera visitas de nomes célebres, como Alexandre, o Grande; como também de cidadãos comuns, embaixadores das cidades-estados gregas e dos impérios

contíguos que buscavam por orientações, tanto para problemas pessoais como para complexas situações políticas e de relações exteriores (SMOLKA, 1972).

Embora o discurso astrológico vise a apagar seus aspectos místicos, é fato que tais aspectos se manifestem e, muitas vezes, são reforçados pelas próprias páginas na Web de astrologia. Tais páginas remetem a outras práticas marcadas pelo misticismo, como o significado dos sonhos, jogos de Tarot e Búzios, Numerologia e Feng shui.

Por esses motivos, enunciados como, “o Sol na Casa 2 pede atenção e valorização no tocante ao dinheiro, e a Lua na Casa 5 sugere um desejo emocional de cair na esbórnia”, “Sol e Lua estão em harmonia, e este é um excelente período para você cuidar do lar”, “o planeta Marte estará formando um ângulo harmonioso em relação ao planeta Vênus do seu mapa astral. Este tende a ser um período particularmente positivo para o sexo, o prazer”; remetem o discurso a uma cenografia de previsões e adivinhações carregada de efeitos de sentido místicos. Nesses enunciados, o enunciador astrólogo diz que o posicionamento dos astros “sugerem” ou “pedem atenção” a aspectos da vida do co-enunciador.

Há, desse modo, uma ressignificação daquilo que é físico, científico e objetivo, para o que é pessoal, subjetivo e psicológico. O astrólogo é aquele que medeia os dois opostos, aquele que, pelo conhecimento astrológico, sabe interpretar o que os movimentos e a localização dos corpos celestes simbolizam à vida do co-enunciador. Mas a tradução do fenômeno físico em influências subjetivas somente faz sentido em uma enunciação marcada pelo mágico, oculto e simbólico.

Desta feita, o conhecimento que o astrólogo interpela para si, que o coloca em um nível superior ao co-enunciador, é o conhecimento que ele detém da astrologia. Esse conhecimento lhe dá a legitimidade de saber-fazer, isto é, o que o permite ser mediador entre o saber científico astronômico e o saber astrológico. Em outras palavras, é esse conhecimento que possibilita a ele o fazer específico: interpretar o que o movimento dos astros representa à vida do co-enunciador e aconselhá-lo. Desse modo, a vida financeira, a vida conjugal e afetiva, tudo, conforme aconselha o enunciador, torna-se comprometido pelos astros. E ninguém além dele, o astrólogo, é capaz de interpretar tais correlações. Ele é dono, assim, de uma competência, de um saber-fazer, que o torna o único capaz de acessar uma verdade que já está lá, no espaço.

O conhecimento astrológico é apresentado, conforme o inciso X do recorte acima já aponta, como um conhecimento milenar que “tem origem nas mais remotas civilizações, (no mínimo seis mil anos) e que foi “cultivada por gênios”. É por deter esse conhecimento milenar que o enunciador astrólogo se torna um ser dotado de um saber-fazer fronteiriço entre o místico e o científico. O saber astrológico é um legado histórico sem origem ou fundador específicos, mas presente em todas civilizações e em todos momentos históricos. Além disso, o saber astrológico, ao mesmo tempo, carrega o sentido mágico de um saber oculto transmitido ao longo da história, sem se saber de onde se origina, e de um saber sistematizado passível de ser apreendido por estudos, como o saber científico.

Ao assumir este mundo ético habitado por uma sabedoria milenar marcada pelo simbólico e por segredos ocultos e místicos, o enunciador engendra um outro tipo de enunciação paratópica, aquela própria de bruxas, magos, adivinhas, cartomantes, curandeiros ou do próprio oráculo já mencionado. São *ethé* sustenta-

dos pela memória coletiva de sujeitos que se localizam em lugares fronteiriços da sociedade, ora aceitos ora expugnados por forças hegemônicas religiosas ou políticas.

Em síntese, o que é identificado na enunciação alocutiva do discurso astrológico é um enunciador híbrido que oscila seu discurso entre a sabedoria mística do conhecimento astrológico e o aconselhamento terapêutico pertinente aos discursos da psicologia e da psicanálise. Tendo em vista que o discurso astrológico ou mesmo os oráculos são anteriores aos discursos terapêuticos modernos, seria possível ainda argumentarmos que a enunciação alocutiva de aconselhamento própria de tradições orais marcadas pela superstição é a gênese dos discursos de aconselhamento frequentes na terapia moderna. Por razões históricas, os aconselhamentos, em épocas remotas eram acerca de outros temas como o plantio, a guerra, os fenômenos naturais e não sobre as relações amorosas ou a vida financeira.

Poderíamos traçar algumas semelhanças entre esse enunciador e o enunciador do discurso religioso, que também se representa como mediador entre dois planos, o mundo terreno e o mundo espiritual, entre Deus e os homens. O astrólogo também se coloca com um mediador entre o plano superior e além, inatingível pelos homens comuns, ou seja, o plano dos astros, e o plano das coisas humanas, das relações financeiras, econômicas, sentimentais e psicológicas. Entretanto, o enunciador do discurso astrológico, diferente de um profeta, não carrega uma verdade reveladora que funda uma nova discursividade.

Ao analisar o discurso teológico, Baptista (2020) identifica que o enunciador que se comunica com o hiperenunciador divino torna-se o portador de uma missão: a fundação de uma nova discursividade no campo discursivo religioso. Oposto a isso, no discurso

astrológico, ao invés de fundador de uma discursividade, o astrólogo é um entre os demais da comunidade que detém o saber-fazer. Portanto, é aceitável que outros enunciadores ocupem o lugar de astrólogo e produzam outros discursos, desde que detenham a sabedoria astrológica.

Seria possível falar em hiperenunciador neste caso, se comparássemos ao discurso científico. Na enunciação do discurso constituinte científico, o enunciador é o mediador entre o plano do saber, do conhecimento produzido por toda a comunidade científica, e os homens comuns. Por esse motivo, sua fala é marcada por efeitos de objetividade para que, ao apagar-se do discurso, o hiperenunciador, o saber, a Ciência, o método científico, enuncie a verdade sobre os fenômenos do mundo. O enunciador astrólogo também emerge como um mediador entre conhecimentos, mas o lugar do qual ele enuncia é o do saber astrológico, e nesse ponto é preciso que ressaltemos que seu saber não é o das ciências astronômicas.

É nesse sentido que o conhecimento astrológico, embora almeje um estatuto científico, aproxima-se, em muitos aspectos, do conhecimento do saber popular e do misticismo. Quando o enunciador inicia o aconselhamento, a objetividade dá lugar à subjetividade em seu discurso. Associar os fenômenos astronômicos com aspectos psicossociais somente pode ser legitimado pelo co-enunciador se ele crê na astrologia.

Acerca dessa aproximação entre discurso astrológico e saber popular, é instigante refletirmos como que o discurso astrológico atravessa as práticas discursivas cotidianas. No geral, mesmo aqueles que não creem na astrologia, sabem o signo solar à qual pertencem. E aqueles que acreditam na astrologia reproduzem enunciados como: “você é organizado, pois é virginiano”, “todo leonino é exibido” etc. Muito próximo aos ditados populares, esses

enunciados carregam uma verdade que não é questionada por seus enunciadores.

Poderíamos estabelecer, também, um comparativo entre o discurso da astrologia com o discurso de outras práticas marcadas pelo misticismo e a adivinhação como o Tarô e o jogo de Búzios. Nessas práticas, há também um enunciador que se coloca numa posição de superioridade ao co-enunciador por saber-fazer. Ele deve possuir um conhecimento para ser o mediador entre o fenômeno e seu significado para o co-enunciador. As cartas ou os búzios são objetos místicos, mas que somente podem enunciar algo através do mediador. Este, pelo seu conhecimento do objeto místico interpreta o que as cartas ou os búzios “dizem”. No entanto, práticas como os Búzios e o Tarô não almejam um estatuto científico. Cabe apenas ao co-enunciador crer na verdade mística que acessa pela interpretação do mediador.

Em síntese, é evidente que o discurso astrológico não ocupa um lugar entre os discursos constituintes, visto que não tem a pretensão de discurso fundador. Embora, em sociedades ditas primitivas, olhar para o céu e buscar as respostas para os fatos do mundo tornavam os astros seres divinos e fundadores de tais sociedades, nas produções discursivas contemporâneas, o discurso astrológico é, por muitos, subjugado como um misticismo ou pseudociência.

Entretanto, o que não podemos negar é que esse discurso, talvez pela sua longa tradição histórica, beire o indizível e sustente sua enunciabilidade em algo externo ao enunciador; ou seja, são os astros e o saber astrológico que assumem o discurso. Por esse motivo, defendemos que é possível afirmar que o discurso astrológico também se enquadra a um “estatuado xamânico” de enunciação ou de que sua fala advém de um Outro que somente pode ser acessado por intermédio dele.

Além disso, o que temos nesse discurso é uma enunciação mista que transita entre a objetividade científica o conhecimento obscuro e místico, o que nos leva a observar nesse discurso uma dupla possibilidade paratópica. Se, por um lado, o enunciador astrólogo visa a apagar-se em nome de uma verdade transcendental, de uma sabedoria milenar ou de um método científico; por outro lado, a enunciação desse discurso fortemente simbólico é marcada pelo místico e misterioso. O enunciador encarna subjetividades que enunciam de um lugar-limite, como o oráculo, o adivinho, o guru.

### *Conclusão: reflexões posteriores*

A noção de paratopia, desde sua elaboração, mostra-se de notável valia para os estudos em Análise do Discurso, embora tenha sido pouco explorada em outros campos discursivos além do literário. A noção permite que reflitamos acerca de um tipo específico de enunciação presente em nossa sociedade. Trata-se de discursos cujos enunciadores visam a validar sua fala por meio de uma Fonte enunciativa à qual acessam. Essa Fonte transcende o universo tópico e os discursos comuns da própria sociedade. Por esse motivo, enunciam uma verdade que pretende ser inquestionável.

As cenas enunciativas paratópicas são acessadas por enunciadores específicos e exigem um ritual linguageiro que joga com os planos da objetividade e subjetividade do discurso, com o místico, com a essência criadora, com o simbólico e o sagrado. Enfim, engendram um tipo de fonte enunciativa que permite ao enunciador acessar um Absoluto.

Partimos da hipótese de que a paratopia, é uma das características dos discursos constituintes, fundamental para a “autoconsti-

tuição” desses discursos; mas que pode ser estendida a outros discursos. Seleccionamos, com esse objetivo, um discurso que, embora não tenha o mesmo poder simbólico de heteroconstituição dos discursos constituintes, também se funda por um processo enunciativo paratópico. O discurso astrológico busca sua autoconstituição por um processo enunciativo de “desterritorialização”, no qual o enunciador enuncia em nome de uma verdade que advém de outro lugar.

Assim, defendemos que reduzir a paratopia aos discursos constituintes limita a análise da totalidade dos discursos. A organização do universo discursivo, ao levarmos em conta a nossa hipótese, é mais complexa que a divisão entre discursos tópicos e paratópicos ou tópicos e constituintes. Ao questionarmos o pertencimento restrito da paratopia aos discursos constituintes, outras possibilidades de organização da topografia discursiva surgem.

Há, com isso, duas possibilidades: podemos considerar que há discursos que imitam a enunciação dos discursos constituintes, constituindo-se como simulacros daqueles. Com isso, são mantidos entre os discursos tópicos, conforme conclui Maingueneau (2008), ao tratar dos discursos das Organizações Internacionais. Outra possibilidade, muito próxima a essa, é de enquadrar tais discursos como pseudoparatópicos.

Contudo, ao levarmos em conta o discurso astrológico e sua potencialidade paratópica, o que defendemos é a possibilidade de discursos que, embora não apresentem outras características dos discursos constituintes, sejam instituídos por uma legítima enunciação paratópica. Assim, teríamos um novo agenciamento da topografia discursiva.



Maingueneau (2015, p. 139-140), acerca disso, nos diz:

*[...] os discursistas preferem tratar do discurso de maneira muito geral, ou elaborar classificações de gêneros de discurso em uma zona delimitada: o discurso midiático, o discurso escolar, a publicidade... Eles raramente se dispõem a organizar mapas do conjunto dos gêneros e tipos de discurso. Essa hesitação é compreensível [...] as cartografias, mesmo que pouco ambiciosas, estão fadadas a se estilhaçar, tão complexas são as relações entre os tipos de discurso. Em função dos critérios escolhidos [...] partilham ou não certo número de propriedades. Todo agrupamento se faz seguindo um determinado ponto de vista e se desfaz quando o ponto de vista muda.*

Por esse viés, o agrupamento desse discurso nos é problemático, pois a visão acerca da astrologia é variável dependendo das condições de produção e seus efeitos de sentido. Quando o discurso astrológico é enunciado numa consulta, criando a enunciação mística, a cenografia de uma conversa com o oráculo permite-nos aproximá-lo do discurso religioso, por exemplo. Entretanto, a astrologia é divulgada como uma ciência que, possuindo um método, está ligada ao discurso científico. A hegemonia discursiva da ciência empurra-a para o campo da pseudociência.

Essa discussão poderia extrapolar os compartimentos de campo para o questionamento da constituição desse discurso, pois apresenta elementos paratópicos e poder de influência sobre outros discursos. Consta na memória discursiva a relação entre personalidade e o seu respectivo signo; citados em obras musicais, no imaginário popular e nos discursos tópicos. Além disso, a problematização estende-se a uma questão nova na análise do discurso de linha francesa: a separação entre a paratopia e os discursos

constituintes. Pois, até então, o discurso astrológico permeia entre os discursos ditos tópicos.

## *Referências*

- AVELAR, Helena; RIBEIRO, Luís. **Vamos falar de Astrologia?** Astrologia em perguntas. Cascais - Portugal: Pergaminho, 2003.
- BAPTISTA, Carlos Alberto. O Deus da harmonia: a legitimação de um espaço no campo discursivo da religiosidade. *In*: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; FERREIRA, Anderson (org.). **Discursos constituintes**. São Paulo: Blucher Open Access, 2020, p. 60-76.
- BOURDIEU, Pierre [1992]. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modo de organização**. São Paulo: Contexto, 2016.
- GUERRIERO, Silas. Esoterismo e astrologia na Nova Era: do ocultismo à psicologização. **Reflexão**, Campinas, v.41, n. 2, p. 211-224, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3650/0>. Acesso em: 02 maio 2020.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Le contexte de l'œuvre littéraire: Énonciation, écrivain, société**. Paris: Dunod, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. L'énonciation philosophique comme institution discursive. **Langages**, Paris, ano 29, n. 119, 1995. L'analyse du discours philosophique. p. 40-62.
- MAINGUENEAU, Dominique. [1986] **Elementos de Linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

- MAINGUENEAU, Dominique. [1990] **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.
- MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. **Revista do GELNE**, Fortaleza, n. 2, v. 2, p. 167-178, 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2010a.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010b.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique; COSSUTTA, Frédéric. L'analyse des discours constituints. **Langages**, Paris, ano 29, n. 117, p. 112-125, 1995.
- NASCIMENTO, Jarbas Vargas. O discurso teológico como discurso constituinte. *In*: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; FERREIRA, Anderson (org.). **Discursos constituintes**. São Paulo: Blucher Open Access, 2020, p. 34-59.
- OLIVEIRA FILHO, Kepler de Souza; SARAIVA, Maria de Fátima Oliveira. **Astronomia e Astrofísica**. Porto Alegre: Departamento de Astronomia - Instituto de Física/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- ROLIM, Wiliane Viriato. A filosofia como discurso constituinte. **Letras & Letras**, Uberlândia, ano 22, n. 2, p. 47-54, jul./dez. 2006.
- SMOLKA, Neide Cupertino de Castro. O papel do oráculo na vida grega. **Língua e Literatura**, ano 01, n. 01, p. 173-184, 1972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaelitera>

tura/issue/view/8691/675. Acesso em: jul. 2020.

VALÉRIO, Simone Toschi. Pseudotopia: a construção do conceito. Anais do VI Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF – **Estudos de Linguagem**, n. 1, p. 563-574, 2015.

VILHENA, Luís Rodolfo. **O mundo da Astrologia**: estudo antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

VOLLI, Ugo. **A linguagem da Astrologia**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.